

Entrevista à Paula Cardona, Técnica Superior da CIM Alto Minho

Nesta nova entrevista do blog corporativo da Femxa, vamos aprofundar na cooperação transfronteiriça. E temos a desculpa perfeita para isso: o nosso projeto internacional [PEGADAS](#). Este projeto europeu promove a formação experiencial no Caminho de Santiago e é dirigido a jovens galegos e portugueses.

O PEGADAS já iniciou sua fase de gestão e divulgação, e tem-nos proporcionado novas relações internacionais com entidades do norte de Portugal. Uma delas é a [CIM ALTO MINHO](#) (Comunidade Intermunicipal do Alto Minho).

Através desta entrevista com **Paula Cardona**, Técnica de Desenvolvimento Social, pretendemos conhecer melhor as suas atividades, como se adaptam à realidade da cooperação e também, por que não?, descobrir os pontos em comum entre nós.



Qual é a tua função na CIM ALTO MINHO e como ela se relaciona com o desenvolvimento de projetos internacionais?

Na Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM ALTO MINHO) sou Técnica Superior na Divisão de Estrutura de Desenvolvimento Social. Nesta função, sou responsável pela coordenação técnica de diversos projetos, muitos dos quais são de âmbito internacional ou transfronteiriço.

A experiência adquirida no desenvolvimento destes projetos permitiu consolidar as relações de parcerias com instituições públicas e privadas ligadas ao setor cultural, patrimonial e social, particularmente entre o Alto Minho e a zona da Galiza.

És licenciada em História da Arte. Que relação encontras entre arte, formação e o desenvolvimento territorial no qual trabalha a CIM ALTO MINHO?

A minha formação em História da Arte e a minha experiência profissional atestam a ligação entre arte, formação e desenvolvimento territorial. A relação pode ser encontrada em vários projetos que coordenei/coordeno ou nos quais participei/participo, focados na valorização do património cultural e natural.

A minha formação em História da Arte é uma ferramenta, para mim, estruturante na identificação de mecanismos que conduzem à valorização do património, nas suas mais diversas manifestações. A cultura e o património são importantes ativos para o desenvolvimento territorial e, elementos-chave para a atratividade de uma região.

Gostaria ainda de dar particular ênfase à questão da cooperação internacional e das redes de trabalho territoriais, amplamente desenvolvidas pela CIM Alto Minho e que implicam a colaboração com diversas entidades (universidades, associações, municípios, empresas, etc.) e que resultam em mais-valias para o desenvolvimento do território, sobretudo na experimentação, partilha e promoção de boas práticas.

Como surgiu a colaboração entre a CIM ALTO MINHO e a Femxa no âmbito dos projetos europeus?

É comum que as parcerias em projetos europeus surjam através de redes de contactos, ou através de organizações com experiência comprovada na gestão de fundos europeus. A CIM ALTO MINHO tem uma vasta experiência em projetos transfronteiriços e internacionais e uma estratégia de identificação ativa de parceiros e parcerias para o desenvolvimento de iniciativas europeias.

Neste caso em particular, a colaboração surge através do projeto **PEGADAS na Raia** (Programa de Aprendizagem Experiencial Transfronteiriço Dirigido a Jovens), que é um exemplo claro desta colaboração. Este projeto visa combater o desemprego jovem, oferecendo uma experiência formativa e vivencial inovadora, centrada no Caminho de Santiago. Os parceiros envolvidos no PEGADAS são, para além da CIM Alto Minho e da Femxa, a Universidade de Santiago de Compostela (USC), o Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) e o Instituto Politécnico do Porto (P.PORTO).

Que resultados esperas das iniciativas que desenvolvemos em conjunto (projeto PEGADAS)?

O projeto PEGADAS, com seu foco na empregabilidade jovem, formação em digitalização, empreendedorismo, sustentabilidade e pensamento crítico, utilizando o Caminho de Santiago como um laboratório de aprendizagem, afigura-se como um projeto inovador e original desenhado para oferecer aos jovens uma experiência transformadora, através de um método de aprendizagem de *outdoor-learning*, que visa capacitá-los com competências para o mercado de trabalho e, simultaneamente, promover a colaboração transfronteiriça.

É importante ressaltar que o PEGADAS é uma iniciativa transfronteiriça criada para combater o desemprego jovem, com foco especial nos NEETs e nos jovens que vivem nas zonas rurais com acesso limitado a programas de formação.

Os resultados esperados não se limitam exclusivamente à formação e ao aumento da empregabilidade junto destes jovens, mas estendem-se à transformação pessoal dos participantes e ao fortalecimento da coesão territorial entre o Alto Minho e a Galiza.

Que desafios e oportunidades identifica no trabalho colaborativo transfronteiriço entre Portugal e Espanha?

Gostaria de referir em particular as iniciativas transfronteiriças entre o Alto Minho e a Galiza que, a meu ver, aportam importantes mais-valias, mas também levantam desafios concretos. Desde logo, enfrentamos barreiras administrativas e legais.

Existem ainda diferenças linguísticas e culturais – mesmo sendo regiões vizinhas e com uma história comum, há nuances no modo de comunicar e trabalhar que exigem esforço de adaptação e entendimento mútuo.

Outro desafio importante prende-se com as assimetrias territoriais. Há zonas mais rurais e isoladas, com menos acesso a recursos ou infraestruturas, o que pode gerar desequilíbrios na execução do projeto. Finalmente, a sustentabilidade das parcerias é sempre uma preocupação: é essencial garantir que estas relações vão para além dos ciclos de financiamento europeu.

Quando se fala em oportunidades, desde logo há que referir a importância da cooperação que permite reforçar a identidade e coesão da eুরorregião Galiza–Norte de Portugal. Partilhamos património, cultura e até desafios comuns, e isso pode ser uma mais-valia se for bem trabalhado.

No caso do PEGADAS, o Caminho de Santiago é um exemplo extraordinário: um recurso partilhado que serve aqui como espaço de aprendizagem, capacitação e até integração social.

Também é uma grande oportunidade para testar novas abordagens de formação e empregabilidade em meios rurais, com metodologias inovadoras como o *outdoor learning*, que aproxima os jovens da realidade e do território.

E não menos importante, este tipo de projeto ajuda a criar redes institucionais sólidas e pode servir de modelo para outros contextos europeus semelhantes.

Que competências ou temáticas acredita que marcarão a agenda formativa dos próximos anos no contexto europeu?

Se considerarmos as áreas temáticas prioritárias da União Europeia no Pacto Ecológico Europeu, na Década Digital e nas políticas de inclusão e coesão social, a agenda formativa europeia nos próximos anos assentará nas seguintes áreas:

- **Competências digitais avançadas** – ligadas à inteligência artificial, cibersegurança e transformação digital.
- **Sustentabilidade e transição verde** – com foco na economia circular, energias renováveis e práticas ecológicas.
- **Empreendedorismo e inovação social** – capazes de gerar soluções para desafios locais e globais.
- **Pensamento crítico e resolução de problemas complexos** – essenciais num mundo em constante mudança.
- **Competências interculturais e linguísticas** – para reforçar a coesão europeia e a mobilidade laboral.
- **Aprendizagem ao longo da vida** – com metodologias flexíveis e centradas no indivíduo.